

Vozes do Passado Desvelamento, Reconfiguração, Empoderamento¹

Vera Brandão

O ser humano vive cada instante de sua vida como o momento de uma história em curso (*alguma coisa começa, alguma coisa acontece, alguma coisa se encerra*): história de uma hora, de um dia, história de uma vida. (MOMBERGER, 2012, p. 42)

Alguma coisa começa...

Criança. Uma foto bem guardada. ‘Este é seu avô Ricardo, que morreu para defender os trabalhadores’. Durante muitos anos foi a única referência a ele.



Adolescente. Na Escola Normal, surge o interesse especial em Sociologia. Lemos jornais, debatemos, escrevemos enquanto a censura imposta pela ditadura tudo cala. Em meio à aula, em mais uma tarde de tensão, a escola é trancada, a praça cercada por tropas. Assistimos tudo da janela. Sitiadas!

Os militares querem entrar na escola, porque acreditam que manifestantes ali se refugiaram. A professora avisa – ‘Vou descer!’ Admiradas, vemos sua pequena figura caminhar em direção ao comandante! Conversam. Ela volta. Altiva. Podemos sair em fila e ir para casa. Alegria e orgulho de sua ousadia. Medo do ‘corredor polonês’ na saída. Vergonha.

Em breve, no espelho da sua coragem enxergo minha opção - ingresso no curso de Ciências Sociais na USP - período difícil, professores e alunos presos, desaparecidos, gráfica destruída, invasão do *campus*. O trabalho que garante a subsistência é o de professora. Curso, posteriormente, a faculdade de

Educação.

Adulta. Meu pai pergunta - ‘Está gostando do livro filha? Respondo – ‘Sim! Muito interessante, pois a autora fala de sua família. Imigrantes italianos, como nós!’ Diz ele – ‘Não mostre para sua mãe. Seu avô é citado, era amigo da família. Não toque neste assunto!’ O livro - *Anarquistas, Graças a Deus* de Zélia Gattai. Uma luz se acende! Este é o motivo do silêncio? A dor da perda, a vergonha da filiação? Anarquistas eram terroristas? Meu avô, um fora da lei?!



¹ Trabalho apresentado no XVI *International Symposium of the Scientific Observatory for Written, Oral and Iconographic Autobiographical Memory*. Association Mediapolis. Europa. Roma (IT), Junho 2017, e no VIII *Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica* - São Paulo, 2018. Texto atualizado para esta publicação.

Alguma coisa acontece...

Início silenciosa busca por informações. Encontro na literatura histórica e política os primeiros conhecimentos sobre o anarquismo, e também documentos e depoimentos que falam de Ricardo. Leio jornais da época². Arquivo tudo.

Maturidade. Um convite inesperado dá início ao trabalho de resgate de memórias de um grupo de idosos, em perspectiva etnológica, e impulsionada pela ‘força’ do trabalho narrativo busco a academia para o mestrado em Ciências Sociais. No trabalho de campo escuto histórias, segredos e não ditos, e constato a ânsia pela partilha e o poder da reconfiguração narrativa. Dissertação pronta! Na leitura final a emoção da descoberta pessoal expressa na dedicatória - “À memória de Ricardo Cipolla, meu avô, que não conheci, mas cuja história, interdita na família, levou-me a esta pesquisa por caminhos inconscientes”³.

Doutorado à vista. Escrevo uma sinopse: *História Interdita. A Construção do Personagem – ficção ou realidade*. Reflito! Escolho outro tema⁴.

Instantes da vida

No processo de revisita a trajetória acadêmica no estágio pós-doutoral (2014-2015) foi se fortalecendo o desejo de desvelar, de modo mais pessoal e profundo, o já percebido - a força da saga familiar e seus interditos nos caminhos de minha formação pessoal e profissional.

Nesse *instante de vida* retomo os estudos informais já realizados, agora fundamentados no método biográfico, dando formato à pesquisa de cunho qualitativo, cujos resultados parciais apresentei à comunidade acadêmica, em dois eventos distintos na Itália e Brasil, reconfigurando também minha identidade ítalo-brasileira. Assumo, assim, a condição de autora e narradora consciente dos “diferentes papéis, herdados, construídos, improvisados, nos cenários da vida [e] responsável pela continuidade” pela minha história e atuação social “em função de uma ação refletida e auto (trans) formadora” (PASSEGGI, 2013, p. 55).

Por meio das palavras ouvidas, lidas e narradas construímos conexões entre ‘eu-mundo’, processo de reconfiguração pessoal com a marca do vivido, e sua complexa subjetivação, que pode dar sentido de pertencimento e

² Jornais consultados – *A Plebe; A Lanterna; O Estado de São Paulo; A Folha da Noite; A Gazeta; O Fanfulla* (periódico da comunidade italiana).

³ *Memória, Cultura, Projeto de Vida*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientação da Professora Dra. Maria Helena Villas Boas Concione (1999).

⁴ *A Construção do Saber – Desafios do Tempo*. Tese de Doutorado em Ciências Sociais – Antropologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Orientação da Professora Dra. Maria Helena Villas Boas Concione (2004).

responsabilização para atuação no meio social. Neste sentido me aproximo de Momberger (2015, p. 137) na afirmação que:

[...] o saber pretendido pela pesquisa biográfica é o de explorar o espaço e a função do *biográfico* nos processos complementares de individuação e de socialização, para questionar suas múltiplas dimensões – antropológicas, semiótica, cognitiva, psíquica, social –, a fim de ajudar a melhor compreender as relações de produção e construção recíproca dos indivíduos e das sociedades.

Esta pesquisa, que vincula a narrativa pessoal às dimensões antropológicas da experiência humana (Momberger, 2012), objetiva desvelar a trajetória do jovem trabalhador anarquista Ricardo Cipolla, sua marca na história de lutas por direitos sociais, a trágica morte e o impacto na saga familiar, da qual sou testemunha-narradora, ciente do desafio do possível viés, risco inerente a subjetividade da escolha dos caminhos da pesquisa antropológico-autobiográfica.

Na segunda etapa da vida profissional as narrativas biográficas pavimentaram meu percurso, na pesquisa, docência, e trabalho cotidiano com idosos, desvelando seu caráter formativo por meio da revisita a trajetória, a escrita de si e o compartilhamento. Esse percurso de formação se valida neste trabalho na medida em que

[...] organiza temporal e estruturalmente os episódios e as experiências da vida no quadro de uma história. Toda experiência vivida é formativa, na medida em que se inscreve numa configuração biográfica, na qual encontra sua forma e seu sentido em relação a um conjunto ordenado de experiências construídas [...] biografia e formação remetem uma à outra, como as duas faces de uma mesma moeda: aquela que faz do ator biográfico um contínuo educador de si mesmo. (MOMBERGER, 2008, pp.10-12)

O momento ‘charneira’ do atual projeto foi o processo de escrita do memorial de formação, gênero acadêmico autobiográfico, em seu processo de revisão e ‘escrita de si’, seus desafios e profundos sentimentos despertados, decorrentes do movimento de ‘perder-se para reencontrar-se’ tarefa proposta no estágio pós-doutoral em Gerontologia Social no período 2014-2015 (PASSEGGI, 2000, 2006 a/b, 2008, 2013)⁵.

Foi o *instante de vida* no qual a consciência da trajetória tornou possível retomar a história silenciada, que se apresentou como processo de reconfiguração, resistência e empoderamento. Início o desvelamento da história familiar interdita que envolve meu avô Ricardo, na qual me deparei com

⁵ *Memorial Acadêmico em Formação Continuada*. Trabalho apresentado no VII Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica - Narrativas (Auto)biográfica: conhecimentos, experiências e sentidos (2016). Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica / Universidade Federal do Mato Grosso / UFMT – Cuiabá 17 a 20 de julho de 2016.

lacunas e não ditos, uma polifonia de vozes que relatam os acontecimentos de forma ambígua, conforme a fonte.

Fazer um trabalho de *bricolage* – construindo a partir de retalhos e fios soltos nos tempos - Cronos e Kairós - e com a crescente consciência do momento no qual *alguma coisa começa, alguma coisa acontece – instantes de vida* - é o exercício de reflexão biográfica que me levou a uma reconfiguração da trajetória e a possibilidade de assumir o papel autoral dessa história. Como afirmam Passeggi e Cunha (2013, p.55)

A condição de autor é aquela da pessoa que ao narrar suas experiências toma consciência desses diferentes papéis, herdados, construídos, improvisados, nos cenários da vida [...] o narrador passa a se assumir como autor responsável pela continuidade de sua história e de sua atuação no mundo. A condição de agente social é aquela de quem age, não para exercer papéis preconcebidos, mas em função de uma ação refletida e auto (trans) formadora.

A Narradora

Sou brasileira, descendente de italianos, educada segundo seus princípios culturais e linguísticos, mas com estudos formais na língua portuguesa. A rígida formação familiar foi 'amenizada' pelo meio social mais amplo no qual cresci considerando São Paulo, maior cidade do país, com seu caráter iminentemente multicultural, na qual a polifonia é parte do cotidiano, nas muitas línguas faladas que se entrecruzam e contam muitas e diferentes histórias das culturas, das quais expressões próprias e originais são incorporadas à linguagem coloquial e modos de vida de parte da população.

Como aluna de escola pública tive o privilégio de formar as amplas redes de relações sociais em um tempo e lugar, com seus desafios cotidianos, experiência fundamental no desenvolvimento da percepção alargada da realidade social – modos de ver, viver e (se) relacionar – sem prejulgamentos.

Analisando a trajetória da minha formação acadêmica percebo que se fez 'natural' o interesse e aproximação do tema da diversidade cultural, que se desvela na perspectiva da Antropologia Cultural como possibilidade de alargamento do universo do discurso humano por meio da etnografia - uma descrição densa – na qual etnógrafo enfrenta

[...] uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar [...] Fazer etnografia é como tentar ler (no sentido de *construir uma leitura de*) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado. (GEERTZ, 1989, p.24)

Construir uma leitura de fragmentos foi um dos grandes desafios da pesquisa e escrita do presente trabalho, pois são muitos os ruídos, lacunas e contradições nas diferentes vozes que contam essa história.

Bastidores

Para desvelar os bastidores, suas ‘desarrumações’ e certo caos, no qual cada objeto guarda um ‘vir-a-ser’, devemos ter indícios que nos possibilitem ‘investigar’ os fragmentos, na perspectiva

[...] do etnólogo que se encontra em algum lugar (seu aqui do momento) e que descreve aquilo que observa ou escuta [...], pois toda etnologia supõe um testemunho direto de uma atualidade presente [que tem] por objeto o que poderíamos chamar de alteridade essencial ou íntima. (AUGÉ, 1994, p. 14 - 23)

A antropologia é entendida aqui como estudo dos fenômenos sociais que necessitam explicação dos seus fatores culturais, e a etnologia como a escrita de seus resultados. A etnologia - narrativa dos resultados do campo - neste trabalho de reconstrução pessoal dá acesso às dimensões antropológicas da experiência humana – a capacidade que tem o ser humano de configurar narrativamente sua existência e de biografar sua experiência singular do mundo histórico e social (MOMBERGER, 2012).

Na exploração dos bastidores - campo da pesquisa - se entrelaçam a história dita ‘oficial’ – literatura e notícias de alguns jornais – os depoimentos de familiares e admiradores de Ricardo, e a percepção/ interpretação pessoal da autora / narradora, processo que resultou na reconfiguração da trajetória de vida e formação, e tornou mais claro seu papel social.

Ousamos associar o movimento proposto pela etnologia – a escuta no presente das vozes do passado – com o exercício existencial de conhecer, reconhecer e ser reconhecido – uma ‘viagem’ no tempo – por meio da palavra, instrumento nobre do ser que se constitui como humano, e forja sua identidade no intercâmbio da linguagem com outros (RICOUER, 2006).

Reconhecido o campo, colhido os esparsos indícios, parti para o exercício proposto na análise documental como guia da reflexão crítica sobre o material colhido na perspectiva dialógica – indivíduo e cultura (AUGÉ; COLLEYN, 2004).

O ‘mergulho’ na literatura, nos jornais e depoimentos gravados trouxe a luz e a sombra que cercam esse enredo e seu personagem principal, confirmando que a pesquisa documental é feita de escavações e evidências.

Os documentos, lidos como as sedimentações das práticas sociais têm o potencial de informar e estruturar as decisões que as pessoas tomam diariamente e em longo prazo; eles também constituem leituras particulares dos eventos sociais.

Eles nos falam das aspirações e intenções dos períodos aos quais se referem e descrevem lugares e relações sociais de uma época. (MAY, 2004, p. 205)

Como já observado, essa escolha é passível de críticas, pois o pesquisador, mesmo bem preparado, tem olhar único e faz um *testemunho direto*, formado nas circunstâncias de sua cultura e lugar de origem, sendo a subjetividade desafio a ser enfrentado.

No processo da 'biografização' o risco se amplia, e temos a experiência da resistência a essa metodologia, mas acreditamos que a explicitação dos passos dados, das hesitações, desvios de rota, entre outros, torna mais claro o trabalho etnológico/ (auto) biográfico, conferindo-lhe a conotação de verdade possível, aqui considerada.

A 'escrita de si' na perspectiva da formação profissional é a experiência da autora, na qual ficou claro que etnografia/etnologia em educação, na observação da estruturação de saber renovado, tem contexto cultural específico, e perspectiva do duplo olhar: de dentro – experiência vivida; de fora, ou externa - ao observar o caminho percorrido. Olhamos o que fomos, fizemos, vivemos, observamos no passado, mas sob a marca do tempo presente – um novo “aqui do momento” -, que entrelaça passado e futuro, para fertilizá-lo.

Como apoio teórico para análise do conteúdo, e na perspectiva da memória social, tomamos como ponto de apoio a obra do sociólogo Maurice Halbwachs (1994; 2006) na articulação das diferentes vozes, que narram trajetórias, tendo como pano de fundo a história e cultura. Segundo o autor, trabalhamos, muitas vezes, com a lembrança única, a experiência solitária da qual o informante é a única testemunha, mas o “eu” faz parte de uma “comunidade afetiva” - o contexto das situações familiares partilhadas por e com outros membros do grupo, assim como as lembranças individuais, não só como fato vivido, mas incorporado através dos relatos de pais, avós e de outros de convívio amplo.

Afirma ainda que relembrar é reconstruir o passado a partir dos quadros sociais do presente - uma lembrança consciente com profundas raízes no grupo social - por quem somos hoje, agregando toda a memória familiar reconstruída ao longo do tempo, também por nós mesmos. Halbwachs (2006, p.71) afirma que:

A vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais através dos quais entra em contato com um passado mais ou menos distante, e que é como o quadro dentro do qual são guardadas as suas lembranças mais pessoais. É esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória.

Neste ponto reforçamos o recorte deste estudo – o da 'saga familiar' – constituída de relatos pessoais do vivido, reconstruídos e lembrados pela família, e que passaram a fazer parte da história da narradora/autora. Há um fio que liga a história atual às tramas urdidas por nossos antepassados e, assim, essa saga se compõe de todos os fatos vividos pela família ampliada, das

histórias que foram recontadas muitas vezes e acumuladas e dos silêncios, formando uma teia de significados controversos.

A família é constituída de um conjunto de relações internas mais numerosas e mais complexas, mais impessoais também, já que realiza a seu modo um tipo de organização doméstica que existe fora dela e que tende a ultrapassá-la. A esta transformação do grupo corresponde um remanejamento profundo do seu pensamento. (HALBWACHS, 2006, p.126)

Na saga familiar aparecem fatos corriqueiros, curiosidades sobre eventos, personagens, tradições, e também os amores - proibidos, ocultos - desacertos, brigas e separações, os enriquecimentos ou inesperadas perdas dos bens, atos heroicos, crises, traições - mistura de verdade e 'erro', interpretações e sobreposições construídas ao longo do tempo e que chega até nós em relatos orais, cartas, diários, fotos, entre outras.

Aos fatos reais que dão suporte às narrativas acresce-se a subjetividade dos vários narradores, ligada também às interpretações que fazem do que é conhecido e narrado. A saga imperfeita dá, no entanto, um sentido de solidariedade e pertinência, ligando o indivíduo à família, à comunidade e às histórias próprias a cada uma delas.

O questionamento dos fatos que compõem a saga familiar, e os mitos nela criados, faz parte da necessidade humana de encontrar a raiz identitária, de reafirmar a 'verdade' de sua história, ou até de descobri-la, porque muitas vezes as explicações dadas, até aquele momento, já não satisfazem e os silêncios adquirem tal força que exigem uma tentativa de elucidação.

Os fatos sobre os quais pesa o interdito têm uma força dramática, cuja marca persiste na família por gerações, e que é diferente para os vários membros. Em algum momento essa força represada atinge um deles, que pode levantar novos questionamentos que, se não esclarecem totalmente, reabrem a perspectiva da reconstrução da saga familiar.

Neste trabalho a força represada por duas gerações encontrou agora a possibilidade de retomada, sem esquecer que as lembranças que nos vêm são de certa forma moldadas pela identidade que temos hoje, significativas na ligação entre passado e presente.

Thomson (1997) afirma que podemos “compor” nossas lembranças, e que o termo “composição é adequadamente ambíguo para escrever o processo de construção de reminiscências”. Podemos pensar numa identidade construída a partir das histórias que contamos com base nas experiências vividas, ou que incorporamos pelos relatos de outros, além disso, ao rememorá-las, temos a percepção de quem somos naquele momento, o que conduz à tensão entre as duas dimensões. Afirma o autor que:

[...] nossas reminiscências também variam dependendo das alterações sofridas por nossa identidade pessoal, o que me leva a um sentido, mais psicológico, da composição: a

necessidade de compor um passado com o qual possamos conviver. (THOMSON, 1997, p.57)

Sem dúvida, esse é um sentimento, uma percepção e um cuidado que faz parte dessa tessitura, um fio que ora se enlaça ora escapa, movimento, muitas vezes, impossível de coordenar - o que vivi, aprendi, ouvi, senti – fios soltos, peças dispersas de um mosaico cujo encaixe completo me escapa.

A imigração italiana no Brasil

A partir do século XVIII muitos comerciantes de procedências diversas visitavam o país pelo potencial oferecido por sua extensão territorial e muitas riquezas naturais. Seguiram-se a eles imigrantes, de diferentes partes da Europa, que fugiam de conflitos armados, da fome e perseguições religiosas e buscavam um país no qual houvesse espaço de liberdade e progresso.

Na segunda metade do século XIX, por volta de 1870, o governo brasileiro considerou a imigração organizada como benéfica à economia nacional em expansão, com destaque para a cultura cafeeira no Estado de São Paulo, devido também ao término do ciclo de trabalho escravo (1888) e a busca do “branqueamento” da nossa população.

Estimulados pela propaganda do governo brasileiro sobre ‘a terra da oportunidade’, muitos europeus – alemães, austríacos, poloneses, mas em maioria italianos, portugueses e espanhóis - emigraram deste período até o início da I Guerra Mundial. Dentre tantos povos destacamos aqui os emigrantes italianos que entre 1884 e 1903 somaram um milhão de pessoas, e cuja maior parte veio para trabalhar nas lavouras de café, embora outros tenham preferido as cidades maiores do Sudeste e Sul do país, nas quais se concentrava a nascente indústria nacional e o setor de serviços.

O panorama sócio-político desse período é formado, por um lado, pelos capitalistas – a elite econômica, social e política – que contavam com apoio das forças do Estado, na manutenção da lei e da ordem; por outro, os trabalhadores, que não dispunham de mecanismos de proteção legal seja no trabalho ou na vida social. Não havia limites de horas para jornada de trabalho, remuneração adequada, benefícios sócios assistenciais, e muitas mulheres e crianças (a partir dos seis anos!) trabalhavam nas fábricas, inclusive em longos períodos noturnos (DULLES, 1997).

Nesse contexto germinam as sementes do anarquismo e, posteriormente, do socialismo, trazidas por trabalhadores imigrantes já engajados nessas lutas em seus países de origem. Dos princípios de base anarquista que guiaram as lutas dos trabalhadores nesse período destacamos a participação de italianos e espanhóis, países com tradição de enfrentamento social entre a classe trabalhadora e o patronato.

Anarchos - termo de origem grega - significa sem governantes e, assim, a palavra anarquia pode ser usada tanto para expressar a condição negativa de ausência de governo, quanto à condição positiva de não haver governo por ser

ele desnecessário à preservação da ordem. Ainda segundo Woodcok (2002, p. 12), o anarquismo constitui-se como:

[...] um sistema de filosofia social, visando promover mudanças básicas na estrutura da sociedade e, principalmente – pois esse é o elemento comum a todas as formas de anarquismo – a substituição do estado autoritário por alguma forma de cooperação não governamental entre indivíduos livres.

Nesta perspectiva, o anarquista crê ser capaz de sobreviver à destruição da autoridade e manter a sociedade unida pelos vínculos naturais e livres da fraternidade. Afirma Kropotkin (1842-1921) em sua obra *A ciência moderna e o anarquismo*, publicada em 1903, citada por Woodcok, que:

O anarquista imagina uma sociedade na qual as relações mútuas seriam regidas não por leis ou por autoridades impostas ou eleitas, mas por mútua concordância de todos os seus interesses e pela soma de usos e costumes sociais – não imobilizados por leis, pela rotina ou por superstições – mas em contínuo desenvolvimento, sofrendo constantes reajustes para que pudesse satisfazer exigências sempre crescentes de uma vida livre, estimulada pelo progresso da ciência, por novos inventos e pela evolução ininterrupta de ideais cada vez mais elevados. Não haveria, portanto, autoridades para governa-la. Nenhum homem governaria outro homem; nem cristalização nem imobilidade, mas contínua evolução - tal como a que vemos na Natureza. (WOODCOK, 2002, p.23-24)

No entanto, diferentes grupos consideravam que para a ‘destruição da autoridade’ poderiam ser utilizados, se necessário, métodos violentos e, assim, não raro, o anarquismo foi equiparado ao niilismo e ao terrorismo, e confirmado pela ação de extremistas. Perdeu-se assim a ‘utopia’ de uma vida livre entre iguais, com respeito e solidariedade.

A concepção mais aceita pela opinião pública se ‘cristaliza’, deste modo, na visão de promotor da desordem, que não oferece nada para colocar no lugar do que destruiu. Constrói-se o estereótipo do anarquista como o assassino a sangue frio, que ataca com punhais e bombas os pilares simbólicos da sociedade estabelecida, indicando a anarquia como sinônimo de caos.

No Brasil, a partir dos anos 1930 ocorreu um gradual enfraquecimento do movimento libertário, e com o sucesso e a manipulação de informações sobre a Revolução Russa os comunistas passaram a ganhar gradualmente o apoio dos operários. Os anarquistas, no entanto, não desapareceram, continuaram com sua militância à margem, lutando por uma sociedade sem classes, e em momentos específicos associaram-se aos comunistas no combate ao fascismo (DULLES, 1977).

O Protagonista

Ricardo Cipolla, operário sapateiro, foi assassinado em São Paulo (Brasil) no dia 31 de dezembro de 1922 na sede do grupo social anarquista por ele



idealizado - Centro Libertário Terra Livre - enquanto atuava em peça teatral com objetivo de angariar recursos para o jornal libertário *A Plebe*.

Sua companheira Paulina e a filha Vera (com oito meses) estavam presentes. Um tiro a queima roupa tirou a vida do jovem idealista, brilhante orador, de 27 anos.



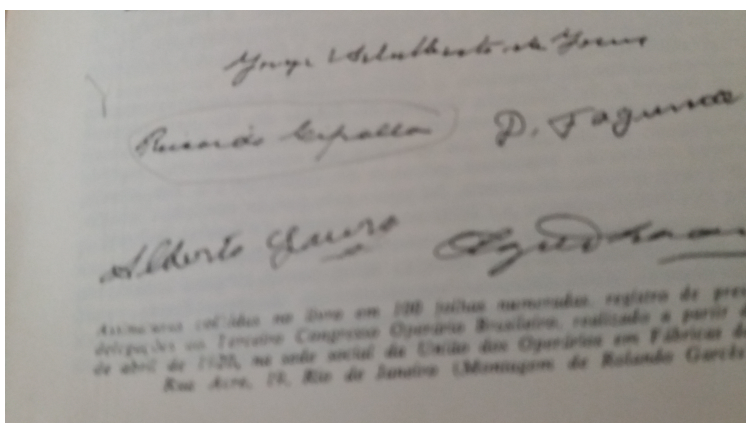
Ricardo, entusiasta do ideal de liberdade anarquista, orador eloquente, ardoroso e convincente, iniciou sua militância em 1917, período que coincide com a primeira greve geral da indústria e do comércio do Brasil, ocorrida em São Paulo, durante a Primeira Guerra Mundial, promovida por organizações operárias de inspiração anarquista aliada à imprensa libertária. Essa mobilização operária foi uma das mais abrangentes e longas da história do país, e ele logo se tornou figura de destaque no movimento.

Segundo informações documentadas Ricardo esteve no Rio de Janeiro em 1919 para trabalhar, e depois voltou em 1920 para representar São Paulo do 3º Congresso Operário Nacional - realizado em 23 de abril - conforme atesta assinatura do livro de registro do Congresso (DULLES, 1977, p. 115).



Greve de 1917

No levantamento da sua história seguimos duas fontes: as narrativas familiares e depoimentos de companheiro de lutas; livros e artigos na imprensa escrita de diferentes orientações ideológicas, além livros sobre história e movimentos sociais, uma polifonia de vozes que do passado repercutem no presente, nessa tentativa de *construir uma leitura* de materiais repletos de contradições, falhas, comentários tendenciosos ou idealizados na busca sobre essa figura tão próxima e, ao mesmo tempo, desconhecida.



A história não oficial sobre Ricardo, relatada por familiares, contém lapsos e faltam os registros oficiais como fotos, escritos e documentos, incluindo a certidão de nascimento e o atestado de óbito, que se perderam após o assassinato que teve efeito devastador sobre sua família.

Assim o que é aqui relatado tem como base o depoimento informal de sua filha Vera (minha mãe) e a entrevista gravada com a sobrinha Georgette - guiada por poucas perguntas abertas, para evitar constrangimentos e em respeito a

sua idade avançada, dando-lhe liberdade de expressão⁶ - na casa de quem Ricardo morou antes do casamento, desvelando um pouco o período de militância e o apoio dado por sua irmã Gilda - citada como 'memória' da família.

O relato de minha mãe foi feito de modo não linear, com informações esparsas ao longo do tempo, sendo que só na velhice pudemos notar um 'afrouxamento' na censura sobre essas lembranças, momento no qual sugere uma conversa com Georgette, de quem fora muito próxima na adolescência.

Sobre o movimento e sua militância entrevistamos Jaime Cubero⁷, anarquista que conhecia os bastidores do movimento em São Paulo – no qual a figura de Ricardo era destaque – e que se manteve na organização até sua morte em 1997. Registro aqui que ele cedeu para cópia inúmeros documentos originais, parte do acervo material no qual se apoia este trabalho, e que se encontrava em fase de organização o que comprometeu sua identificação correta. O acesso ao *Jornal A Plebe* - anarquista e anticlerical - lançado na cidade de São Paulo em 1917 por Edgard Leuenroth, e do qual Ricardo era próximo colaborador, encontra-se em parte digitalizado, mas entre os números que faltam estão aqueles que noticiam sua morte⁸.

A figura do anarquista como o assassino a sangue frio e a anarquia como sinônimo de caos, como analisada historicamente por muitos autores e propagada pela mídia da época, contradiz com os relatos, talvez idealizados, ouvidos, e sobre o que foi escrito sobre ele por seus companheiros. Destaco aqui um trecho de texto escrito por Pedro Catallo⁹.

O meu primeiro contato com as ideias libertárias foi por intermédio da União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas de São Paulo, em outubro de 1921, precisamente com a idade de 21 anos. Por essa ocasião os sapateiros estavam radiantes porque haviam vencido um boicote aplicado contra um industrial que se mostrou recalcitrante em atender um pedido de aumento da mão-de-obra, e eu fui levado de roldão por esse acontecimento para dentro do sindicato. Confesso que fiquei deslumbrado com a primeira assembleia que assisti, pois apesar de ter vindo da Argentina no ano de 1917, como emigrante, onde a luta social era bastante acentuada, eu desconhecia completamente o que fosse um sindicato e a questão social [...]

Aquela primeira noite que pisei numa assembleia da União dos Artífices em Calçados e Classes Anexas foi memorável para mim, porque fiquei profundamente impressionado com a palavra eloquente, ardorosa e convincente de dois oradores, que ficaram

⁶ Entrevista com Georgette Cipolla registrada em 09/09/1997 na cidade de São Paulo.

⁷ Entrevista com Jaime Cubero registrada em 05/09/1997 em São Paulo.

⁸ Arquivo Edgard Leuenroth <https://www.ael.ifch.unicamp.br/edgard-leuenroth>

⁹ Ver *História do Movimento Anarquista no Brasil*. Edgar Rodrigues. Piracicaba /SP: Ateneu Diego Gimenez, 2010. <https://colectivolibertarioevora.files.wordpress.com/2013/11/histc3b3ria-do-movimento-anarquista-no-brasil-rodriques.pdf>

Ver também *Subsídios para a história do movimento social no Brasil*. Pedro Catallo. In *Revista Verve*, 11: 11-48, 2007. <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/issue/view/350/showToc>

solidamente impressos em meus sentimentos, ainda virgens em matéria de política.

Um deles, Ricardo Cipolla, dono de uma voz troante e de um verbo envolvente, poético e persuasivo, prendia pela força de seus argumentos e pela beleza da retórica verbal. Praticamente a ele devo o fato de ter abraçado a luta social e de me ter decidido pelas ideias anarquistas. Infelizmente não pude gozar da amizade de Ricardo Cipolla, porque pouco tempo depois de eu entrar para o sindicato ele foi traiçoeiramente assassinado, num festival nosso, na noite de 1º de janeiro de 1922¹⁰, por um indivíduo chamado Indalécio Iglésias, que se havia insinuado por entre os grupos anarquistas, e de quem, alguns anos mais tarde, soube-se que era confidente policial.

O enterro de Ricardo Cipolla foi algo de impressionante pelo grande comparecimento do operariado de São Paulo, que por aquela ocasião estava mais ou menos bem organizado. Cipolla não perdia oportunidade para intervir em qualquer acontecimento em que pudesse falar e fazer conhecer as ideias anarquistas.

Das muitas leituras de documentos oficiais e dos depoimentos surge uma figura ambígua - seria Ricardo um idealista 'puro' ou um radical? Existem indícios, nos diferentes documentos, de que ele acreditava na educação como forma não violenta de mudança, mas um longo caminho deve ser percorrido no reconhecimento de sua figura e modo de atuação. Nesse processo de reconfiguração ouvi muitas vozes que relatam histórias positivas, e em menor número o apresentam como um 'terrorista', mas o que ainda pode ser encontrado é um desafio pessoal e intelectual.

Outro trecho de Pedro Catallo também o exalta:

Em certa ocasião, um menino de menor idade, uns doze anos talvez, que trabalhava na Fábrica da Aniagem Paulista, situada na Rua da Mooca, na turma que ia até às dez horas da noite, vencido pelo sono e pelo cansaço, adormeceu por entre os fardos de aniagem. Era hábito naquela fábrica, depois que os operários da turma que trabalhava até às dez da noite houvessem saído, soltar a matilha de cães policiais que acompanhavam o guarda na ronda durante a noite. Aqueles cachorros, uma vez soltos, partiam como feras famintas percorrendo e farejando todos os recantos da fábrica. Nenhum dos integrantes daquela turma noturna apercebeu-se da falta do menino e ele lá ficara no mais profundo sono. O que aconteceu ao pobre menino, que teve a infelicidade de adormecer por entre aqueles fardos de aniagem, é fácil imaginá-lo: foi completamente estraçalhado, rasgado, por aquela alcateia de lobos ferozes encarregados de vigiar a fábrica. Quando o guarda noturno chegou onde se consumava

¹⁰ Esta data não corresponde. Ricardo foi assassinado no dia 31 de Dezembro de 1922, mas em alguns documentos surge a data de 1 de janeiro de 1923 - devido ao horário, não muito preciso, de sua morte.

a orgia dos cachorros, o desventurado menino era um horrível amontoado de retalhos de tenra carne humana. Foi uma tragédia que consternou dramaticamente toda a população de São Paulo, que então se compunha de mais ou menos 600 mil habitantes. O enterro desse infeliz menino foi a pé, e o acompanhamento se compunha de milhares de trabalhadores de todas as profissões, que em sinal de luto externavam o seu impressionante protesto.

Quando o pequeno caixão estava prestes a descer o túmulo, ouviu-se a voz potente, segura e incisiva, de Ricardo Cipolla que, numa oração fúnebre e brilhante ao mesmo tempo, demonstrava aos presentes os males duma sociedade imperfeita e injusta, que permitia o trabalho noturno a crianças de apenas doze anos. Assim era Ricardo Cipolla, um militante anarquista, corajoso, convicto, inteligente e um grande orador. Não havia transcorrido talvez um mês daquele trágico acontecimento, quando outro menino teve a desventurada sorte do anterior, na mesma fábrica e na mesma turma noturna. Só depois disso é que os donos daquela tétrica fábrica resolveram retirar os cachorros, preferindo continuar a exploração de menores¹¹.

Esse é o panorama sócio histórico e político no qual se insere a história de meus ascendentes maternos e paternos: a família de meu pai com origem na cidade de Chieti (Abruzzo) era de pequenos agricultores e artífices de calçados, e se estabeleceram na cidade de São Paulo. Por parte de mãe a família vem de Cozenza (Calábria) com artífices de joias, calçados, roupas ‘finas’ e escultores.

O foco deste relato é a saga da família materna por meio da figura de Ricardo, meu avô. Segundo depoimento de Georgete, a família chegou ao Rio de Janeiro, em data incerta, e era composta pelo casal Filomena e Luiz com dois filhos – Judith e Atilio. Nasceram no Brasil Eduardo, Genoveva, Gilda e Ricardo. Posteriormente, vieram para São Paulo.

Segundo o mesmo relato, Gilda e Ricardo eram muito próximos e comungavam os mesmos ideais, gostavam de escrever e ela o ajudava na redação de seus discursos.

Apesar de não terem sido localizados os registros oficiais de nascimento e óbito – a data de nascimento referida é seis de janeiro - sempre lembrado por sua filha - e o ano provável 1897. Quanto à data do óbito surgem as datas de 30 e 31 de dezembro (1922) ou 01 de janeiro (1923) – mas a família incluindo sua companheira Paulina (minha avó) afirma a noite de 31, alguns documentos

¹¹ A proibição ao trabalho infantil foi lenta com pequenos avanços pontuais, pois á época o trabalho era visto como ‘cura’ ou ‘profissionalização’ ate que foram surgidas algumas iniciativas protetivas no sentido de educacional. Apenas na Constituição de 1934 surge a lei que “prescrevia a proteção contra a exploração do trabalho infanto-juvenil no Brasil, trazendo a proibição do trabalho aos menores de quatorze anos, de trabalho noturno a menores de dezesseis e em indústrias insalubres a menores de dezoito” (PASSETTI, 1999, p. 354).

indicam a data de 30, dúvida que esperamos sanar com o atestado de óbito, busca ainda não concluída.

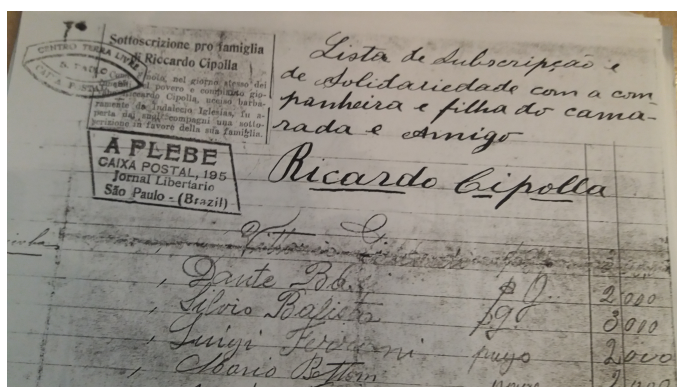
Assim, vai se tornando claro o tema da *plurivocalidade*, como trama tecida com ‘fios’ de vozes que relatam as histórias de diferentes perspectivas, dentre as quais incluo a minha – narradora dos fatos. A voz do ‘eu’ que dialoga com a voz do ‘outro’.

Nos jornais que noticiam o assassinato de Ricardo ele é apresentado como ítalo-brasileiro ou italiano, mas segundo depoimentos da família ele nasceu no Brasil, e sua filha afirma que se comentava que ele havia estudado em colégio religioso no Rio de Janeiro cujos métodos teriam sido a semente de sua ‘rebelião’ contra os princípios estabelecidos pela Igreja e Estado.

Outra é a versão de sua sobrinha Georgette que afirmava que ele nunca saiu de São Paulo e, confrontada com a versão da filha, contava que depois da morte de Ricardo a família se ‘fechou’ – vergonha e luto - e o assunto não era abordado devido ao grande sofrimento de sua mãe Filomena. Mas, como já indicado por fontes documentais, Ricardo esteve no Rio de Janeiro para um período de trabalho associado ao movimento político do qual participava, como indicado por Dulles (1977, p. 115).

Muitas informações carecem de comprovação efetiva até agora, e todos esses ‘ditos’ são consideradas reconstruções subjetivas que buscam apresentar um ‘personagem’ – sendo quase impossível delimitar o que é fato real ou construção ‘ficcional’.

Após a morte de Ricardo foi formado um Comitê pró-viúva e filha e realizada uma coleta nacional entre seus companheiros visando arrecadar fundos para os estudos desta – atestado em documentos originais incluindo as páginas do Livro-Caixa. Foi nomeado como curador José Bachiani, tesoureiro da União de Artífices de Calçados de São Paulo, segundo informe da filha e comprovado por documento de época.



A filha Vera relata que ela e a mãe foram recebidas, após o assassinato de Ricardo, na casa da família materna, apesar do escândalo à época. Os anarquistas não se casavam legalmente - como um princípio de não reconhecimento das leis vigentes – sendo minha mãe filha natural - algo muito vergonhoso à época. Relatou que foi criada até os sete anos com muito carinho pelos

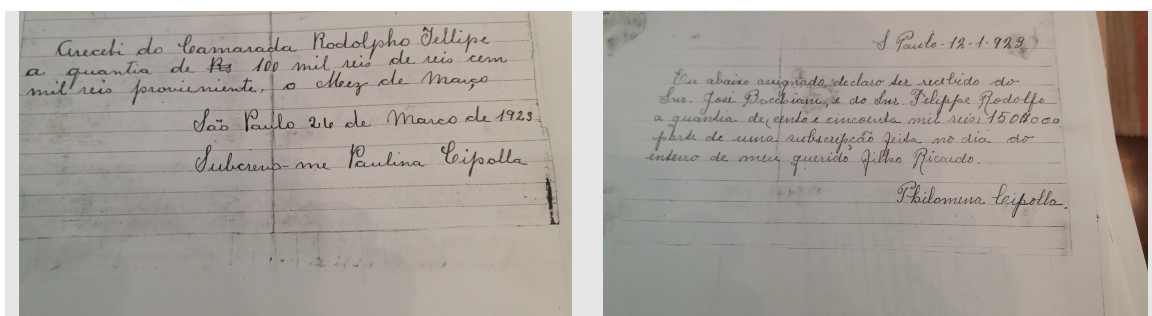
tios e avós e tem boas lembranças da casa grande e ruidosa da típica família reunida em torno da mesa e da comida da ‘nona’!

Esse período de afeto e acolhimento termina com o casamento de Paulina com um imigrante português viúvo, com quem tem mais dois filhos e que ela, filha

mais velha, ajudou a criar. O período que se segue envolve muitos conflitos, nunca abordados claramente por ela, e aos 15 anos sai de casa para viver com sua avó paterna Filomena, seus tios e primos – período de convívio próximo com Georgette.

Interessante notar que esses fatos ‘traumáticos’, que marcaram sua vida, vieram à tona de modo informal num relato sereno, há cerca de dez anos em um fim de semana na praia, quando ela já contava 87 anos. Pode se imaginar seu sofrimento, em uma vida marcada por este trágico enredo, durante todos esses (muitos) anos vividos, grande parte em época na qual as mulheres não eram respeitadas ou consideradas.

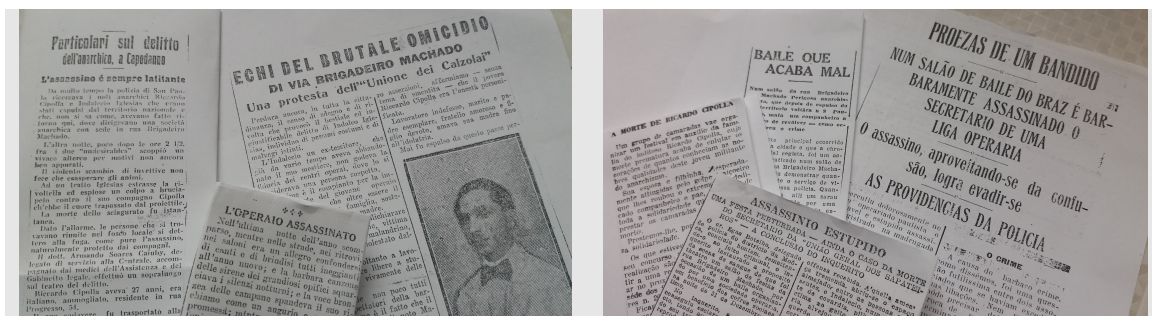
Surge outra questão quando Vera (filha) afirma que não tiveram ajuda financeira, mas o livro caixa da Associação registra doações à Paulina (companheira) e Filomena (mãe), além de alguns recibos manuscritos com ‘assinatura’ de Paulina (último data de setembro de 1923). A letra desses documentos é homogênea e não existe uma ‘assinatura’, mas o nome escrito, pois, segundo informa a filha, sua mãe e avó eram analfabetas e não poderiam assinar. Fica a ‘impressão’ de que elas podem ter recebido alguma ajuda, durante cerca de um ano, e terem confiado na palavra dos companheiros, mas ao final sentiram-se enganadas.



Relatou também que quando estava com cerca de doze anos foi com sua mãe conversar com o tutor designado pela Associação para gerir os recursos arrecadados, para ter acesso a eles e continuar os estudos. Segundo o tutor Bachiani, o dinheiro tinha sido emprestado a juros a um rapaz que se endividara no jogo e que, por não poder pagar, havia se suicidado. Elas sentiram-se novamente enganadas, não acreditando na história.

Ainda adolescente, seu tio mostrou para ela um homem à janela de uma casa, no mesmo bairro em que morava com a família da mãe, dizendo – “Este homem matou seu pai”. O ‘vizinho’ era o imigrante espanhol Indalécio Iglesias, que já tinha sido expulso do país e voltara clandestinamente, e se dizia anarquista, mas era na realidade um informante da polícia. Como naquele momento se fortalecia a ideologia comunista, outra das versões afirma que Indalécio estava a serviço desta corrente, cujo projeto era o de extermínio dos rivais e a consolidação de sua representação única junto ao operariado brasileiro, que dava os primeiros passos em sua organização, e que acabou se concretizando.

Nos jornais a história surge com mais detalhes. Na noite do assassinato de Ricardo a apresentação teatral foi seguida de um baile, como costume a época, durante o qual houve um desentendimento no salão. Ricardo foi apaziguar os ânimos, no que aparentemente teve sucesso, mas no momento em que se retirava foi atingido na cabeça por uma cadeira arremessada contra ele por um desconhecido. Caído no chão foi baleado na altura do estômago e morreu no local. Ninguém foi preso¹².



Alguma coisa se encerra

Este é um *momento* de uma história em curso e que *aqui não se encerra*. Muitos são os fatos a serem pesquisados com maior profundidade, mas sabemos que restarão inúmeras questões sem respostas. Existem controvérsias apresentadas nos relatos de familiares, mas são questões menores, e seus admiradores mantêm a descrição em tom muito favorável a Ricardo, visto como uma liderança promissora - íntegro e pacifista.

Nas notícias de jornais a controvérsia permanece, mas os relatos são, na maior parte, favoráveis a ele. Muitos fatos restam inapreensíveis na história de Ricardo e, provavelmente, restarão obscuros, pelo tempo decorrido, as mudanças sociais e o apagamento da ideologia anarquista na sociedade brasileira. Ainda hoje existem grupos de resistentes, seja aqui, seja em outros países, especialmente na Europa, mas pouco expressivas. O sonho de liberdade não acabou, tomou outra forma, percorre hoje outros caminhos, e permanece o ideal de igualdade, solidariedade, paz e justiça social.

A busca por Ricardo, meu avô, continua em meio à polifonia das vozes que busco escutar e entender, em meio a tantos ruídos, e da 'bruma' vai surgindo aos poucos, neste ponto da pesquisa, a figura de um homem jovem e idealista, que acreditava na educação como caminho de mudanças, que deve ter cometido atos em desacordo com as leis vigentes à época, mas buscava esse sonho de liberdade, interrompido a meio caminho.

Neste ponto da minha trajetória percebo o quanto deste 'sonho' de liberdade e igualdade vive em mim, com a consciência do meu tempo e lugar social. Sigo em frente para, no espaço que me cabe, também sonhar e lutar por uma sociedade livre e justa.

¹² Indalécio Iglesias, e dois outros comparsas, fugiram do local do crime. Ele foi preso somente em janeiro de 1929, julgado e condenado a 15 anos de prisão. Segundo relatos foi liberado antes do final da pena.

Os homens não podem impedir que histórias com as quais eles contam a si mesmos sejam também histórias de cultura e histórias da sociedade, isto é, histórias que eles partilham com outros, histórias que dizem sua pertença a uma história comum da qual eles tiram as formas e as significações de sua existência. (MOMBERGER, 2012, p. 48)

Referências

AUGÉ, M. *Não-Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papyrus, 1994.

AUGÉ, M; COLLEYN, J.P. *L'Anthropologie*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

BRANDÃO, V. O Memorial Acadêmico em Formação Continuada. / Universidade Federal do Mato Grosso / UFMT, 2016. *In Anais CD-ROM - Cuiabá*. BIOgraph, 2016. ISSN 2178-0676.

DULLES, J.W.F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil – 1900-1935*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.

GATTAI, Z. *Anarquistas, Graças a Deus*. São Paulo: Editora Record, 1979.

HALBWACHS, M. *Les cadres sociaux de la memoire*. Paris: Albin Michel, 1994.

_____ *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MAY, T. *Pesquisa Social – Questões, métodos e processos*. Porto Alegre: Artemed. 2004.

MOMBERGER-DELORY, C. *Biografia e Educação – Figuras do Indivíduo Projeto*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

_____ *A Condição Biográfica. Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Natal, RN: EDUFRN, 2012.

_____ Escrita de si e experiência concentracionária: figuração, recepção e resistência. In SOUZA, E.C; BALASSIANO, A.L.G; OLIVEIRA, AM.M (orgs). *Escrita de Si, Resistência e Empoderamento*. Curitiba, PR: CRV, 2014.

_____ A Pesquisa Biográfica ou a Construção Compartilhada de um Saber Singular. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016.

PASSEGGI, M. C. Memoriais de formação: processos de autoria e de (re) construção identitária. In: *Anais III Conferência de Pesquisa Sócio Cultural*. Campinas, jul. 2000. Disponível em:

[HTTPS://WWW.FE.UNICAMP.BR/BR2000/TRABS/1970.DOC](https://www.fe.unicamp.br/BR2000/TRABS/1970.DOC). Acesso em 15 outubro 2015.

_____. As duas faces do memorial acadêmico. In: *Odisséia*, v. 9, n. 13-14. Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN: EDUFRN, 2006 a.

_____. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A Experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, E. C; ABRAHÃO, M. H. (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006 b, p. 203-218.

_____. *et. al. Memórias, memoriais: pesquisa e formação docente*. Natal, RN: EDUFRN: São Paulo: Paulus, 2008.

_____. *et. al. Memorial autobiográfico: uma tradição acadêmica no Brasil*. In: PASSEGGI, M. C.; VICENTINI, P.; SOUZA, E. C. (orgs). *Pesquisa (Auto)Biográfica: narrativas de si e formação*. Curitiba: CRV, 2013.

PASSEGGI, M.C; CUNHA, L.M. Narrativas autobiográficas: a imersão no processo de autoria. In VICENTINI, P. P; Souza, E.C.; PASSEGI, M. C. (orgs). *Pesquisa (Auto)Biográfica. Questões de ensino*. Curitiba, PR: CRV, 2014.

PASSETTI, E. Crianças carentes e políticas públicas. In: PRIORE, M.D. (org). *História das Crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

RICOUER, P. *Percurso do Reconhecimento*. São Paulo: Loyola, 2006.

THOMSON, A. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre história oral e as memórias. *Revista Projeto História* nº 15 – Ética e História Oral. Programa de Estudos Pós-Graduados em História. São Paulo: EDUC, 1997.

WOODCOCK, G. *História das Ideias e Movimentos Anarquistas*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

Data de recebimento: 22/01/2019; Data de aceite: 21/03/2019

Vera Maria Antonieta Tordino Brandão - Pedagoga (USP). Mestre e Doutora em Ciências Sociais – Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado em Gerontologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pesquisadora CNPq PUC/SP. Docente, conferencista, escritora, editora da *Revista Portal de Divulgação* (2008-2018) e *Revista Longeiver* (2019) (eletrônica). E-mail veratordinobrandao@hotmail.com
E-mail: revistalongeiver@portaldoenvelhecimento.com.br